



© Bruno Simão

**A ESTA HORA,
NA INFÂNCIA NEVA
COMPANHIA MAIOR
E VICTOR HUGO
PONTES**

7 E 8 – 10 E 11 DEZ 25

**ARTES
PERFORMATIVAS**

Temporada 2025/2026

Centro Cultural de Belém
Pequeno Auditório
Dom, 17h, Seg, Qui e Sex, 20h
Duração aproximada: 75 min
Classificação etária a definir pela CCE

10 dez: A sessão será filmada pela RTP 2



Acessibilidade: Sessão de 10 de dezembro com
Audiodescrição para pessoas cegas e com baixa visão

A esta hora, na infância neva *

Companhia Maior e Victor Hugo Pontes

Direção Artística **Victor Hugo Pontes**

Cenografia **F. Ribeiro**

Desenho de Luz **Wilma Moutinho**

Figurinos **Cristina Cunha**

Assistência de Direção **Cátia Esteves**

Intérpretes **Angelina Mateus, Beatriz Mira, Carlos Nery,
Cristina Gonçalves, Dinis Duarte, Du Nothin (Duarte Appleton),
João Silvestre, Kimberley Ribeiro, Michel e Paula Bárcia**

Consultoria Artística **Madalena Alfaia**

Consultoria Musical **Hélder Gonçalves**

Vídeo **Miguel C. Tavares**

Confecção de Figurinos **Emília Pontes, Domingos de Freitas Pereira**

Figuração **Alberto Alfaia-Machado, Carlos Vaza, Clarisse Amado, Matilde
Manuel, Mila Todrashova, Noga Saar**

Estagiárias **Catarina Gonçalves (Mestrado ESD), Joana Belchior
e Mariana V. Pedreiro (Licenciatura ESTC)**

Coprodução **Companhia Maior, Nome Próprio, Centro Cultural de Belém,
RTP – Rádio e Televisão de Portugal, Cineteatro Louletano,
Theatro Circo e Theatro Gil Vicente**

Apoio à Residência **Comuna – Teatro de Pesquisa e**

CML – Polo Cultural Gaivotas

Apoio **Teatro Nacional São João**

Neste espetáculo é usado o poema de Boris Vian
escrito para a canção *Le déserteur* (1954).

* «A esta hora / na infância neva» são os dois versos de abertura do poema *X de Cuidados Intensivos*, de Manuel António Pina (1994).

Companhia Maior

Direção Artística **Paula Varanda**

Coordenação Executiva **Sofia Gomes**

Comunicação e Mediação **Raquel Ermida**

Vídeo e Fotografia **João Cardoso Ribeiro**

Apoio **Câmara Municipal de Lisboa**

Parceiro Institucional **República Portuguesa – Ministério da Cultura,
Juventude e Desporto**

Nome Próprio

Direção Artística **Daniela Cruz**

Produção e Difusão **Andreia Fraga**

Produção Executiva **Nuna Reis**

A Nome Próprio é uma estrutura residente no Teatro Campo Alegre, no âmbito do programa Teatro em Campo Aberto, e tem o apoio da República Portuguesa – Ministério da Cultura/DGArtes.

Calendário Digressão 2026

Teatro Micaelense, Ponta Delgada

21 FEV

Theatro Gil Vicente, Barcelos

21 MAR

Cineteatro Louletano, Loulé

9 OUT

Teatro Municipal de Vila Real

26 SET

Theatro Circo, Braga

13 NOV



COPRODUÇÃO

COMPANHIA
MAIOR

NOME PRÓPRIO





Fotografias de ensaio © Bruno Simão

Nesta criação com a Companhia Maior, Victor Hugo Pontes segue uma via eminentemente física, inspirado pelo potencial do corpo que já viveu muito tempo – um contraponto com a sua experiência prévia de trabalhar com intérpretes muito jovens. Se na pujança da juventude interfere a falta de experiência e autodomínio, na idade maior as limitações são anuladas com a experiência de palco. Que idiossincrasias se fazem anunciar na fisicalidade destes intérpretes que têm um longo percurso gravado no corpo? Para esta pergunta, Victor Hugo Pontes propôs-se encontrar uma afirmação não apenas cénica e coreográfica, mas também ancorada na memória artística, no artifício da imaginação e na articulação lúdica entre todos estes veios.

Em cena, corpos de diferentes idades articulam-se para evidenciar o contraste, por um lado, mas também para elogiar a presença do físico amadurecido: um corpo na dança que perdeu força e velocidade, mas que comporta memória existencial e adquiriu definição e intenção. Nos intérpretes mais jovens vemos, se quisermos, um espelho que nos leva à reflexão sobre o que ainda somos daquilo que fomos, e sobre o que podemos querer ser ainda. Um gatilho do passado para o futuro em aberto, num presente onde, como escreveu Manuel António Pina, «as cicatrizes / do coração / permanecem»^{*} e a infância reaparece, refinada.

^{*} «A esta hora / na infância neva», poema de Manuel António Pina em *Cuidados Intensivos*, 1994

UMA CONVERSA

**Paula Varanda com
Victor Hugo Pontes**

10 DE NOVEMBRO 2025

Paula Varanda (PV): *Uma coisa que te interessava neste trabalho eram as qualidades performativas do corpo que já viveu muito tempo...*

Victor Hugo Pontes (VHP): O ponto de partida foi a possibilidade da exploração física: do que vai acontecendo no corpo com a passagem do tempo – e como isso se expressa num corpo performativo, em cena. O processo criativo deste espetáculo confirma algo que eu já sabia: o corpo perde elasticidade, força, agilidade ou resistência, mas ganha uma longa memória, que transmite outra intenção a cada gesto. Isso é extremamente bonito de ver. Muitos destes corpos ainda estão bastante ágeis. São corpos maiores, que estão fora da norma do corpo nessa idade. Eles mostram que se pode ter uma longevidade melhor com um corpo que funciona bem, que também faz com que a cabeça funcione bem. Os dois estão ligados.

(PV): *Há dois tipos de experiência a ensaiar e a criar em palco. Contagiam-se uns aos outros? No movimento, na energia ou nos significados?*

(VHP): A expressão dos mais novos torna-se imagética para os mais velhos e inspira-os a procurarem outras coisas com o seu corpo. Os mais novos estão a desenvolver qualidades de escuta, porque as respostas dos mais velhos acontecem de um modo diferente daquele com que os mais novos estão habituados a trabalhar diariamente. Ao observarmos o corpo mais velho, vemos que o peso é distribuído de outra forma; que é preciso ativar outra parte do corpo ou iniciar o movimento num lugar diferente daquele que seria ativado por um corpo mais jovem. Exploro aqui a ideia de cópia, em que uns adquirem os movimentos dos outros. E para isso há uma escuta, uma observação e um contágio de parte a parte.

(PV): *E o contraste?*

(VHP): O contraste é muito impressionante. Quando combinei as duas partes em grupos mais pequenos, percebi como a mistura potencia os movimentos,

de novos e velhos, e como todos ficam expostos e mais puros no que representam também. O contraste torna-se mesmo real. Os mais velhos têm características mais únicas, porque são mais autênticos na sua forma de mexer. As limitações levam-nos a procurar outro caminho que nem sempre é o mais breve, mas o mais longo. Numa experiência de diálogo físico que fizemos, por exemplo, passar uma bola de basquete por trás da cabeça era, para o mais novo, um movimento simples e rápido de mãos e braços; já o mais velho fazia uma torção do tronco para compensar a menor amplitude do braço, o que alterava a qualidade do gesto. Os mais novos estão a beber muito disto. Como é que eu posso fazer uma coisa em várias fases, porque o meu corpo já não me permite fazê-la de uma vez só?

(PV): *Além do contraste físico, colocas três gerações em cena com um propósito dramático.*

(VHP): Para mim, aproxima-se mais de uma ideia de três idades da mesma pessoa, que vemos em momentos diferentes da vida – por vezes em diálogo com o seu passado ou com o seu futuro. O espelho entre a pessoa mais jovem e a pessoa mais velha produz um reflexo e permite-nos olhar para a frente e para trás, especular sobre o que vamos ser, avaliar até onde chegámos e pensar no que somos e naquilo em que acreditamos no presente. Há uma ideia de que a vida é cíclica – que se repete. Interessou-me trabalhar com três gerações também por isso. Na infância já temos personalidade, mas ainda é muito livre e tudo é possível. A entrada na idade adulta é uma transformação contaminada pelas pessoas que encontramos, os pactos que fazemos, e durante a qual sonhamos e idealizamos o que queremos para nós e para o mundo. Na idade maior já se viveu muito, mas ainda pode haver tanto por fazer e por dizer, e tantas maneiras de o revelar.

(PV): *Que traz a infância a este trabalho?*

(VHP): A infância está aqui porque os intérpretes a revisitam. De várias maneiras. Algumas pessoas quando envelhecem ficam mais próximas do lugar de verdade, de jogo e de capricho das crianças. Interessou-me confundir estes dois extremos e criar ambiguidades entre eles. A infância também trouxe leveza e humor, o que permite trabalhar contrastes emocionais.

(PV): *A improvisação já foi apontada como um processo ideal para o corpo mais velho se expressar na medida das suas forças e vontades.*

(VHP): Gosto de dividir a criação com os intérpretes, de partilhar as minhas ideias e receber as suas propostas. Aqui, isso tem-se revelado incrível porque eles propõem-me cenas que eu não tinha imaginado. Brincar com a própria morte, por exemplo, só podia vir de dentro: surgiu espontaneamente e foi

absorvido pelo grupo como um jogo entre miúdos. Grande parte do material é gerado por eles. Eu vou selecionando a partir dessas improvisações e alinhando para ficar com mais fluidez, dando nitidez a um possível significado que a mim, enquanto criador, também me interessa.

(PV): *E como surgiram as outras colaborações artísticas?*

(VHP): Foi um processo criativo em descoberta. Havia um ponto de partida e havia ideias que foram tomando forma. A banda sonora tem músicas que os mais velhos escolheram, dos seus 20-30 anos, o que poderá despertar saudosismo, mas são tocadas por um dos jovens, ao vivo, porque me interessava ver como esse artista, no início de carreira, interpreta o que é antigo. Um dia, o Carlos Nery disse-me que, normalmente, com outros criadores é como se lhe entregassem uma cebola para a mão, que ele depois vai descascando, camada a camada, até chegar ao centro da cebola, e que comigo é ao contrário. «Começas pelo início da cebola e vais pondo camada atrás de camada, até nós depois vermos a cebola». Gostei muito dessa imagem, porque foi exatamente assim que comecei a trabalhar com estes intérpretes.

(PV): *Nas próximas semanas, vai surgir um guião? Uma partitura?*

(VHP): Tivemos um período de experimentação muito rico e adoraria continuar mais tempo assim, mas temos de começar a fixar coisas, porque é a natureza destas criações. A repetição é importante para memorizar o todo, mecanizar a estrutura e sentir segurança no que se está a fazer – mas quero manter a descoberta. Mesmo durante os espetáculos, podemos encontrar o novo. Ainda que seja muito parecido com o que se fez antes – ainda que se queira repetir exatamente – nunca vai ser igual. Gosto muito desta ideia. Por mais que fixemos, há alguma coisa que escapa e alguma coisa diferente que emerge dessa fissura.





Victor Hugo Pontes

Professor, encenador, cenógrafo e mais reconhecido como coreógrafo, nasceu em 1978, em Guimarães, e vive no Porto. O seu trabalho reflete a sua formação multidisciplinar em artes plásticas pela Faculdade de Belas Artes da UP e em teatro pelo Balleteatro, complementada por uma posterior formação em dança, no curso de Pesquisa e Criação Coreográfica do Fórum Dança. Fez ainda o curso de Encenação de Teatro na FC Gulbenkian, dirigido pela companhia inglesa Third Angel, e o curso do Project Thierry Salmon – La Nouvelle École des Maîtres, dirigido por Pippo Delbono, na Bélgica e Itália.

Fundou, no ano 2000, a Nome Próprio – Associação Cultural, estrutura da qual foi diretor artístico até 2025.

As suas obras coreográficas, caracterizadas pela combinação de recursos da dança, teatro e música, utilizam cenografias complexas,

movimentos expressivos e textos adaptados de obras literárias, criando uma linguagem própria, singular e distintiva no panorama da dança contemporânea portuguesa. Tem desenvolvido projetos com os mais variados elencos, trabalhando com intérpretes com e sem formação em artes performativas e de diferentes faixas etárias, explorando um universo artístico inclusivo e diversificado. Ao longo da sua carreira, colaborou com diversos artistas como Jorge Andrade, Marco Martins, Joana Craveiro, Sara Carinhas, Joana Gama, Manuela Azevedo e Hélder Gonçalves. Foi assistente de encenação de Nuno Cardoso entre 2004 e 2014. O seu trabalho tem sido amplamente apresentado em território nacional, passando por teatros como TNSJ, TMPorto, CCB, e em países como Alemanha, Bélgica, Brasil, Espanha, França, Itália e Países Baixos. Foi nomeado para os Prémios SPA na categoria de «Dança – Melhor Coreografia», com *A Ballet Story* e *Os Três Irmãos* e, em 2019, venceu nessa categoria com o espetáculo *Margem*. Integrou o programa DanceWeb do Festival ImPulsTanz, como bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian. Em 2024, *Há Qualquer Coisa Prestes a Acontecer* foi considerado pelo Jornal *Público* como um dos 10 melhores espetáculos do ano. Desde 2025, é o diretor artístico do Teatro Nacional São João.

Victor Hugo Pontes © Paulo Pimenta

Companhia Maior

Fundada em 2010 com a missão de promover a criatividade na idade maior, a Companhia Maior é um projeto no âmbito das artes performativas contemporâneas, desenvolvido com intérpretes maiores de 60 anos, vindos de diversos quadrantes da atividade artística e cultural. Assente num princípio diferenciador de colaboração com criadores de diferentes gerações, em 15 anos de atividade trabalharam com a companhia prestigiados artistas, valorizando a singularidade do seu elenco e as suas capacidades de expressão e comunicação. Entre eles encontram-se Tiago Rodrigues, Clara Andermatt, Tim Etchells, Jorge Andrade, Pedro Penim, Joana Craveiro, Sofia Dias & Vítor Roriz e Ricardo Neves-Neves. Através da criação artística em contexto profissional a Companhia Maior lança um debate relevante sobre o envelhecimento ativo na sociedade portuguesa e o papel da arte e da cultura na procura de soluções eficazes para a sua vivência social plena. A Companhia Maior exerce a sua atividade de forma regular, participando em ações de formação de várias disciplinas e formatos que se articulam com as criações que produz, e desenvolvendo também um espaço de documentação, disseminação e advocacy dedicado à valorização das práticas artísticas na idade maior.

www.companhiamaior.pt

COMPANHIA
MAIOR

Nome Próprio

A Nome Próprio é uma estrutura dedicada à produção e promoção de projetos artísticos, sobretudo de dança contemporânea e teatro. Fundada em 2000 por Victor Hugo Pontes, coreógrafo e encenador que assegurou, até 2025, a sua direção artística, as suas atividades intensificaram-se a partir de 2010. Tem desenvolvido projetos com inúmeros artistas e instituições, apresentados em todo o país e também internacionalmente. Desde a sua fundação, produziu espetáculos como *A Ballet Story* (Melhor Espetáculo de Dança do Ano 2012, Público e Expresso), *Zoo, Fall, Coppia, Orlando, Se Alguma Vez Precisares da Minha Vida, Vem e Toma-a, Margem* (Prémio «Melhor Coreografia SPA», 2018), *Drama, Os Três Irmãos, Corpo Clandestino, Bantu, Há Qualquer Coisa Prestes a Acontecer* e *OS GIGANTES*. Além da circulação de alguns destes projetos, a Nome Próprio teve em curso esta nova criação, *A esta hora, na infância neva*, que agora estreia no Centro Cultural de Belém.

NOME PRÓPRIO

15 ANOS DA COMPANHIA MAIOR

A Companhia Maior foi imaginada em 2007 pela sua diretora-fundadora Luísa Taveira como um espaço precursor da criatividade e expressão artística aliadas à longevidade. Um território a explorar nas artes performativas, de colaboração entre diferentes gerações, onde as pessoas mais velhas se apresentam como artistas do presente e não apenas como mensageiros da tradição. Um palco para a consciência e revelação do potencial da idade maior. Em outubro de 2010, baseada no Centro Cultural de Belém – onde permaneceu por 10 anos –, a Companhia estreia o seu primeiro espetáculo: *Bela Adormecida*, dirigido pelo autor e encenador Tiago Rodrigues.

Em ritmo admirável, sucederam-se obra atrás de obra, com assinaturas tão distintas e ousadas como as de Clara Andermatt (2011), Mónica Calle (2012), Ana Borralho e João Galante (2013), Nuno Cardoso (2013), Peter Vandenbempt (2014), Tim Etchells e Jorge Andrade (2014), Filipa Francisco (2015), Tónan Quito (2016), Pedro Penim (2017), Joana Craveiro (2018), João Mota (2019), Sofia Dias & Vítor Roriz (2019), Marco Martins (2021), Ricardo Neves-Neves (2022), Aldara Bizarro (2024) e, agora, Victor Hugo Pontes (2025). Todos eles favoreceram a excelência e a singularidade deste projeto, dedicando os seus processos de pesquisa e criação às aspirações e características dos intérpretes Maiores.

O elenco da Companhia Maior foi crescendo, diversificou-se e tem, em 2025, intérpretes entre os 60 e os 93 anos. Um agradecimento e louvor é devido aos que aqui estão desde o início: Carlos Nery, Cristina Gonçalves, Isabel Simões, Kimberley Ribeiro, Júlia Guerra, Manuela de Sousa Rama e Michel. Também aos que entraram depois e ainda permanecem: Elisa Worm, Paula Bárcia, Jorge Falé, Angelina Mateus, Carlos Fernandes, Catarina Rico, João Silvestre, Maria Emília Castanheira, Maria Helena Falé, Maria José Baião, Mário Figueiredo e Edmundo Sardinha. A alguns que já não sobem ao palco, por escolha ou doença: Diana Coelho, Helena Marchand, Isabel Millet, Iva Delgado e Jorge Leal Cardoso. E *in memoriam* a António Pedrosa, Ana Diaz, Celeste Melo, Luna Andermatt e Vítor Lopes. Com elenco e criadores convidados, a Companhia Maior já percorreu 30 teatros ou espaços culturais do país e apresentou mais de 200 espetáculos. Sem os incansáveis

produtores Luís Moreira (2010–19), Beatriz Jarmela (2020–21) e Sofia Gomes (2021–presente), também não teríamos feito tanto e tão bem.

Quando Maria de Assis assumiu a Direção em 2016, o equilíbrio entre a dimensão artística e a dimensão social da Companhia mostrava-se desafiante – não era fácil conciliar estas duas vertentes nos meios de financiamento acessíveis. Pouco tempo depois, teve de encontrar novas bases de sustentabilidade, gizando então o Causa Maior (2021–2024). Este projeto, apoiado pela Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação “La Caixa”, reuniu novos parceiros, entre teatros municipais e outras organizações, fundamentais para garantir fundamentais para garantir a continuidade da Companhia Maior, bem como para analisar e difundir as questões que afetam a qualidade de vida e a percepção social das pessoas maiores, contribuindo para apontar mudanças urgentes nas políticas públicas.

Herdei esta missão em 2020, numa dinâmica inédita de relações com múltiplos interlocutores do sector cultural, social, da educação e da investigação. Foi uma fase de luta pela sobrevivência da Companhia Maior, mas também de crescimento, expansão e consolidação do seu legado, alcance e voz política. Ao nosso lado estiveram instituições, pessoas e públicos solidários e entusiastas. É com emoção e gratidão que regressamos ao palco onde nascemos. **Foram 15 anos extraordinários.**

Paula Varanda

Direção da Companhia Maior

JÁ A SEGUIR – 8 E 9 JAN

DANÇA

POESIA E SELVAJARIA VERA MANTERO

Estreada em 1998, no âmbito do Festival Mergulho no Futuro, no Pequeno Auditório do CCB, *Poesia e Selvajaria* é uma das criações mais emblemáticas de Vera Mantero. Quase três décadas passadas, regressa ao mesmo palco para uma reposição que continua a interpelar o presente.

quinta e sexta-feira, 20h00

Pequeno Auditório

Classificação Etária a designar pela CCE

Fotografia © João Tuna





SUBSCREVA A NEWSLETTER CCB

FIQUE A PAR DE TODA A NOSSA PROGRAMAÇÃO
E ATIVIDADES EM PRIMEIRA MÃO!



Entrada gratuita Free admission

MAC/CCB

Museu de Arte Contemporânea MAC/CCB e Centro de Arquitetura
MAC/CCB Museum of Contemporary Art and Architecture Centre

30% desconto 30% discount

Espetáculos CCB CCB Performing Arts

Estacionamento Gratuito Free parking

Em visitas ao museu, espetáculos ou compras superiores a 20€

For museum visits, performances, or purchases over €20

Convite para um espetáculo Invitation to a performance

Inaugurações, Eventos e Visitas Exclusivas às Exposições

Exclusive Openings, Events and Visits to Exhibitions

Desconto Discount

Lojas e Restaurantes CCB

CCB Stores and Restaurants

Newsletters exclusivas

Exclusive Newsletters



Cartão CCB

Descubra as vantagens em ccb.pt/cartao

Discover the advantages at ccb.pt/cartao